

O Português Na China – Um Caso de Sucesso

*Carlos Ascenso André**

De 23 a 28 de Julho, o Português foi centro de todas as atenções em Macau; na imprensa escrita, na rádio, na televisão, em entrevistas, em espaços noticiosos ou telejornais, em crónicas, em língua portuguesa ou em chinês, Macau foi assunto dominante.

E não era caso para menos. Em Macau reunia-se o XII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas. No Instituto Politécnico de Macau juntavam-se cerca de centena e meia de congressistas, vindos de cerca de 80 universidades e de 18 países, com comunicações que tratavam de literatura (portuguesa, literaturas africanas de língua portuguesa, literatura brasileira), de língua portuguesa (linguística, políticas de língua, didáctica), de história, de política, da sociedade e de tantas outras vertentes da actividade científica e académica que podem tocar, directa ou indirectamente, os estudos de língua portuguesa.

Ali estava parte da elite dos estudiosos de tudo quanto respeita aos países que têm como expressão a língua portuguesa, entre eles Helder Macedo, de Londres, Ettore Finnazzi-Agró, de Roma, Roberto Vecchi, de Bolonha, Isabel Pires de Lima, do Porto, Elias Torres Feijó, de Santiago de Compostela, Onésimo Teotónio de Almeida, de Providence, EUA, Benjamin Abdala Júnior, de São Paulo, Claudia Pazos Alonso, de Oxford, Cristina Robalo Cordeiro, de Coimbra, para citar, apenas, alguns nomes.

Era o XII Congresso de uma Associação nascida em 1984 em Poitiers, França, e que junta os seus associados em reunião magna cada três anos; antes de chegar a Macau, passara já por Leeds, Coimbra, Hamburgo, Oxford, Rio de Janeiro, Providence, Santiago de Compostela, Madeira, Faro, Cabo Verde.

A importância da Associação Internacional de Lusitanistas, a maior de todas as associações do género dedicadas aos estudos de língua portu-

* Professor Pleno do Instituto Politécnico de Macau e Professor da Universidade de Coimbra.

guesa, justifica, só por si, a atenção que a comunicação social e as instâncias de poder deram ao congresso realizado em Macau; mas outras razões houve para o destaque dado em Macau a este evento; entre elas, o significado que assume a realização do congresso em Macau e a simbologia de que se reveste.

É inquestionável que Macau é uma porta de eleição para a grande China, de que é parte integrante; além disso, é visível o grande investimento que Macau faz na língua portuguesa, o empenhamento político das autoridades de Macau e do Governo Central da República Popular da China e o desejo de fazer do território uma plataforma entre a China e os países de língua portuguesa; por outro lado, é conhecido o crescimento exponencial que o estudo do Português vai conhecendo em Macau e no interior da China.

A presença do XII Congresso da AIL em Macau, portanto, constitui o reconhecimento da comunidade académica internacional, não apenas do invulgar crescimento do Português no interior da China e em Macau, como também do grande investimento dos vários poderes nesse mesmo crescimento – do Governo Central da República Popular da China e do Executivo da Região Administrativa Especial de Macau, a par do de muitas outras entidades.

Vale a pena, a pretexto do momento em que tantos reputados especialistas dos estudos de língua portuguesa se reuniram a Oriente, reflectir um pouco sobre o que tanto espanto e perplexidade causa a incautos observadores e a académicos de todo o mundo.

E a maior perplexidade é, sem dúvida, esta: em menos de uma dúzia de anos, o ensino do Português em universidades chinesas conheceu um dos maiores e mais rápidos desenvolvimentos que já alguma vez havia experimentado em todo o mundo: de seis universidades onde se ensinava português há dez anos atrás, passou-se, surpreendentemente, para trinta e sete, tantas são aquelas onde hoje o Português existe, em cursos de licenciatura ou em regime opcional.

Este crescimento está longe de atingir os números que se verificam em outros países não lusófonos, como, por exemplo, os Estados Unidos da América, talvez o país fora do universo da lusofonia onde o Português conhece a maior expansão. Mas os Estados Unidos são de há muito um destino de emigração para portugueses, brasileiros e caboverdianos, por

exemplo, e possuem, portanto, uma grande comunidade lusófona, o que, manifestamente, não acontece na China, onde apenas em Macau a comunidade portuguesa ou de língua portuguesa tem algum significado.

E, mesmo assim, o Português é muito procurado um pouco por toda a parte no interior da China.

Façamos um pouco de história, embora sucintamente.

Iniciado na década de sessenta do século XX, em Pequim, o ensino de Português sofreu, não muito depois, uma suspensão quando da Revolução Cultural. Retomado nos anos setenta, não tinha ultrapassado as seis universidades até ao início do presente século: duas em Pequim, Shanghai, Tianjin e Nanqin. Foi quase no final da primeira década que teve lugar o início de uma verdadeira explosão, que está ainda longe de atingir o seu ponto mais alto.

Só na capital, Pequim, há nove universidades onde se ensina o Português. Não muito longe, ensina-se, ainda, em Tianjin, em duas universidades, e em várias instituições de Hebei; só em Shijiazhuang são três aquelas que têm licenciaturas em Português.

Se fizermos o caminho do litoral, de Norte para Sul, vemos cursos de língua portuguesa, a nível de licenciatura ou, pontualmente, como opção, em Harbin, em Changchung, em Dalian, em Nanqin, em Shanghai, em Hangzhou, em Shaoxing, em Fuzhou, em Guangdong, em Zhuhai, neste caso em três universidades.

No interior, abriram já licenciaturas em Português em Lanzhou, em Xi'an, em Chongchin, em Changsha, em Nangchang, em Ganzhou, em Wuhan.

E anuncia-se para breve em Shandong, em Chengdu e em outra universidade de Shanghai, num processo quase imparável.

O ritmo era, de alguma forma, inesperado. Em dez anos, passou-se de seis para trinta e sete instituições, de dúzia e meia de docentes para mais de duzentos, de três ou quatro centenas de estudantes para um número que rondará os dois mil.

Estes números sobem exponencialmente se incluirmos Macau na contagem, dado que, em Macau, o número de estudantes de Português, só no ensino superior, pode atingir os mil, em várias instituições.

É, como lhe chamou Li Changsen, uma verdadeira “erupção vulcânica”.

Este súbito e vertiginoso crescimento não aconteceu sem problemas que resultam exactamente da dimensão e da rapidez; parte deles tem a ver com a impreparação do sistema para um alargamento tão veloz: impreparação no que respeita ao pessoal docente e impreparação no que respeita a meios auxiliares da actividade pedagógica. Dito de outra forma: os docentes que tiveram de fazer frente à procura eram (são) demasiado jovens e não encontravam no mercado materiais adequados ao exercício da sua missão.

Falemos dos docentes, antes de mais; possuem um enorme entusiasmo, uma dedicação exemplar à sua tarefa e, na maior parte dos casos, são senhores de uma notável proficiência na língua portuguesa. Mas carecem, eles mesmos o reconhecem, de preparação específica para o ensino do Português como língua não materna. Em suma, necessitam de formação.

Quanto aos meios auxiliares de ensino, isto é, os materiais de apoio à actividade pedagógica, os que existem no mercado, e muitos são, não foram concebidos para o ensino de português a chineses; muito menos a chineses em situação de imersão na sua língua materna.

Este é o desafio com que o sistema se vê confrontado e que cria particulares responsabilidades a Macau. Tenha-se presente que o Executivo da RAEM, em consonância, de resto, com o Governo Central, definiu para Macau a missão estratégica de servir de plataforma entre a China e os países de língua portuguesa. Uma missão importante, se tivermos, também, em conta que a cooperação com esses países é um dos objectivos da política externa da República Popular da China.

Em boa verdade, essa missão, antes de ser atribuída a Macau pelo poder político, já o era pela História. Ser mediador no diálogo entre Oriente e Ocidente é, de há muito, parte integrante da identidade de Macau e como que é algo que faz parte do seu ADN, dos seus genes. Macau, portanto, herda essa função de uma história de séculos, além de para ela ter preparação especial em razão, também, da sua situação geográfica.

A vontade política junta-se, pois, à identidade do território e à sua herança da História, o que lhe aumenta a responsabilidade.

Macau tem sabido corresponder a essa responsabilidade, no plano local e no plano nacional.

A nível local, é visível o aumento da procura do Português em todos os graus de ensino e, ainda, em cursos não conferentes de grau. A aposta política, assumida ao mais alto nível, de “fazer de Macau uma base de talentos bilingues” terá resultados a curto prazo.

A nível nacional, é cada vez mais visível o apoio que Macau está a dar, desde há vários anos, ao ensino do Português no interior da China.

Nesse domínio, o Instituto Politécnico de Macau tem assumido uma função de liderança: bolsas de estudo a estudantes do continente para estudarem ou realizarem cursos breves em Macau, acções de formação para jovens docentes chineses, umas realizadas no IPM, outras em universidades chinesas do interior, produção de materiais.

Nos últimos anos, realizaram-se já mais de duas mil horas de formação, as quais abrangeram quase duzentos formandos chineses. Publicaram-se vários livros. Criou-se um portal que permite interagir com os professores do continente. Realizam-se anualmente concursos na área do Português (Concurso de Debate e Concurso de Declamação de Poesia), que envolvem sempre várias instituições do interior da China e todas as de Macau.

De resto, a criação, em 2012, do Centro Pedagógico e Científico da Língua Portuguesa representou uma aposta do IPM nessa missão estratégica e visou servir, antes de mais, o objectivo de apoiar o desenvolvimento do ensino do Português em Macau e no interior da China. Desde então, mais se estreitaram os laços com as instituições do continente; vinte e oito foram já visitadas e são cada vez mais as que cooperam com o IPM com regularidade.

Ao mesmo tempo, em Macau, a oferta na área do Português, por parte do IPM, tem vindo a aumentar. Ao curso de Tradução Chinês-Português e Português-Chinês somou-se, há dois anos, a Licenciatura em Português e Relações Comerciais China Países Lusófonos e, este ano, uma licenciatura em Português, especialmente vocacionada para a formação de professores.

Paralelamente, aumenta, de ano para ano, o quadro de parcerias entre instituições chinesas e instituições de países de língua portuguesa, um processo onde o papel do IPM tem sido determinante.

O futuro terá de passar pelo reforço de todas estas linhas de acção:

Produção de materiais, em versão impressa e em versão online, mais fáceis, estes, de disponibilizar para utilização no interior da China. No caso de materiais impressos, a parceria estabelecida com a Commercial Press, de Pequim, que permite editar toda a colecção Português Global no interior da China e, portanto, mais acessível para os estudantes chineses do continente, é um bom exemplo do que deve ser feito.

Reforço da parceria com instituições congéneres de países de língua portuguesa, nomeadamente com vista a proporcionar um período de tempo dos seus estudantes em situação de imersão na língua que aprendem.

Insistência na formação de docentes, formação inicial e formação contínua, por forma a alcançar-se um corpo docente fortemente qualificado.

Foi o reconhecimento de todo este esforço que levou a Associação Internacional de Lusitanistas a realizar o seu XII Congresso em Macau. Congresso que se saldou por êxito assinalável a todos os níveis.

O Congresso teve, também, a resposta justa por parte dos docentes da China: pela primeira vez participaram nas actividades científicas da Associação professores de instituições chinesas: oito do interior da China e dez de Macau, todos com comunicações de elevada qualidade científica. A aposta estava ganha; mas, o que é mais importante, o rumo do futuro está assegurado.